

Cruxnow.com

“Se não pensamos que Francisco é a cura, é porque não percebemos qual é a doença”, diz o responsável de CL

Entrevista

John L. Allen Jr. e Ines San Martin

21 de junho de 2017

Ainda que muitos católicos, em especial os mais conservadores, considerem muitas vezes que o Papa Francisco é um pouco provocatório para o sistema, o responsável do influente movimento eclesial de Comunhão e Libertação afirma que se não pensamos que o Papa é a cura, é porque não percebemos a natureza da doença que estamos a enfrentar no mundo secularizado da pós-modernidade.

MILÃO – Melhor do que muitos outros, provavelmente, o padre Julián Carrón, que sucedeu ao carismático sacerdote italiano Dom Luigi Giussani na condução do influente movimento de Comunhão e Libertação, cujo caldo natural é o do mundo católico mais conservador, compreendeu que o Papa Francisco pode representar um abanão para o sistema.

Por isso é um firme defensor de Francisco, e insiste em afirmar que se não pensamos que este Papa é a cura, é porque não percebemos a natureza da doença que estamos a enfrentar no mundo secularizado da pós-modernidade.

«Às vezes não entendemos certos gestos do Papa porque não percebemos a fundo as implicações daquilo que ele define como uma “mudança de época”», disse Carrón a *Crux* na passada segunda-feira.

«É como considerar um tumor como sendo um simples caso de gripe, e assim a ideia de tratá-lo com quimioterapia poderia parecer demasiado drástica» acrescentou. «Mas uma vez que tivermos entendido a natureza da doença, damo-nos conta de que não conseguiremos vencê-la com aspirina».

Na sua casa de Milão, entre outros assuntos, Carrón falou com *Crux* da edição em língua inglesa do seu livro *La bellezza disarmata (A beleza desarmada)* sobre a natureza do «acontecimento» cristão.

«As mudanças que estamos a atravessar são tão radicais, tão sem precedentes, que percebo por que razão tantas pessoas não compreendem ainda o que está a acontecer, ou os gestos do Papa Francisco», afirmou. «Mas se não compreendemos estes gestos agora, iremos compreendê-los quando nos dermos conta das consequências que eles estão a produzir».

Carrón defende que aquilo que aconteceu na modernidade foi o facto de que as pessoas perderam de vista o que significa ser homem; a crise, portanto, é muito mais profunda do que a simples recusa deste ou daquele preceito moral, e aquilo que hoje é necessário não são apelos morais ou argumentos teológicos, mas o poder de atração que tem uma vida cristã vivida na sua plenitude.

«Vejo que muitas pessoas estão perturbadas e embaraçadas com o Papa, tal como as pessoas o estavam com Jesus no seu tempo – e em particular, recordemo-lo, as pessoas mais “religiosas”», declara. «Por exemplo os Fariseus, que não viam todo o drama da situação dos homens que tinham à sua frente, queriam um pregador que simplesmente dissesse aos homens o que deviam fazer, impondo-lhes pesados fardos».

«Tudo aquilo não era suficiente para fazer recomeçar a humanidade, depois veio Jesus, que entrou em casa de Zaqueu sem lhe chamar ladrão e pecador; isso poderia ter parecido uma fraqueza. Pelo contrário, ninguém desafiou Zaqueu como Jesus fez», disse Carrón.

«Todos aqueles que tinham condenado a sua conduta de vida não o tinham demovido um milímetro da sua posição. Foi aquele gesto totalmente gratuito de Jesus que teve sucesso onde os outros tinham falhado», declarou.

Fundado por Giussani em 1954, Comunhão e Libertação é um movimento eclesial laico na Igreja Católica; está particularmente difundido em Itália, mas está presente hoje em cerca de oitenta países do mundo. Teve ilustres apreciadores ao longo dos anos, entre os quais o Papa Emérito Bento XVI, que celebrou as exéquias de Giussani e que tem como colaboradoras domésticas algumas mulheres do grupo do CL dos *Memores Domini*.

Nascido em Espanha, e durante muito tempo ao lado de Giussani, Carrón assumiu a condução de Comunhão e Libertação em 2005, depois da morte do fundador.

Longe de considerar que há uma fratura entre Francisco e os seus predecessores, João Paulo II e Bento XVI, Carrón insiste em afirmar que Francisco encarna hoje a “radicalização” de Bento.

«Diz as mesmas coisas, mas de uma forma que se transmite e chega a qualquer pessoa, simplesmente através dos gestos, sem por isso reduzir de algum modo a profundidade daquilo que disse Bento», afirmou.

Em substância, o livro de Carrón é uma síntese da visão da vida cristã proposta por Giussani, tal como foi amplificada por cada um dos três últimos Pontífices. A ideia chave é a de que o Cristianismo é uma «beleza desarmada», ou seja, uma forma de viver que não se impõe através de nenhum outro poder que não seja o da atração que ela tem em si mesma.

«Queria mostrar que o poder da fé se encontra na sua beleza, na sua atratividade. Não precisa de nenhum outro poder, de nenhum outro instrumento, ou de circunstâncias particulares para resplandecer, tal como as montanhas não precisam de mais nada para nos cortar a respiração».

Cruz: O título *A beleza desarmada* é uma resposta explícita ao terrorismo e à violência de matriz religiosa?

É uma resposta explícita a uma forma diferente de ver a fé, a partir daquilo que a torna única. São Paulo uma vez definiu aquilo que Deus realizou ao fazer-se homem como um “despojar-se” da sua divindade, do seu poder divino. Jesus apareceu na história despojado de qualquer forma de poder, unicamente com o esplendor da sua verdade que emanava da sua pessoa, da sua forma de agir, de olhar, de entrar em relação com os outros, a sua misericórdia, a sua capacidade de abraçar as pessoas e partilhar a sua vida, de partilhar as feridas dos outros. Toda a força do seu amor por nós passou através da sua “humanidade desarmada”.

Um dos ensaios do livro foi escrito logo a seguir ao ataque ao *Charlie Hebdo* em Paris; nele o senhor afirma que o desafio é criar um espaço para «um encontro real entre propostas de significado, ainda que diferentes e múltiplas». Pode explicar-nos a que se refere?

Muitas pessoas estão à procura de um significado para a sua vida, de uma razão para irem trabalhar, para criar uma família, para enfrentar a realidade, e muitas vezes não a encontram e tentam fugir de várias maneiras. A questão fundamental é esta: num momento em que o valor absoluto para nós, modernos, é a liberdade, a única possibilidade de não voltarmos a cair na força para limitar a liberdade dos outros é que exista um espaço no qual as pessoas se possam encontrar livremente, para partilhar o significado da vida, daquilo que cada um pensa que significa viver plenamente. Se isto não acontece, então o vazio que fica acaba por gerar conflitos.

As pessoas não podem viver sem um significado, e se permanecer o vazio, acabaremos por gerar pessoas que, mais cedo ou mais tarde, sofrerão a tentação da violência... em casa, no trabalho, e nalguns casos, acabarão no terrorismo. O problema é como responder à falta de significado que muitas vezes vemos na sociedade hoje. Só podemos sair disso numa sociedade livre, num espaço livre, no qual as pessoas possam encontrar-se e confrontar-se a respeito das formas com que cada um escolhe viver, e sobre como é possível fazer escolhas diferentes.

O senhor diz que estamos a experienciar uma «profunda crise do humano». Acredita que o Papa Francisco terá também a mesma percepção, e como lhe parece que ele está a tentar responder a isto?

Ele está profundamente consciente de que a primeira questão diz respeito à natureza da crise, porque ela é muitas vezes reduzida simplesmente a uma crise económica, ou a um problema de valores, enquanto é muito mais profunda. Tem a ver com o que nos torna homens, com a

passividade que vemos em muitos jovens, que parecem não ter motivações nem sequer para sair de casa...

É aquilo a que Giussani chamava «o efeito Chernobyl», não é? É como se uma espécie de radiação tivesse esvaziado as pessoas de significado.

Exato, este esvaziamento da humanidade, que deixa as pessoas incapazes de sentir um verdadeiro interesse por alguma coisa. É um problema que tem a sua raiz na indiferença, na apatia. Muitas vezes, tentamos responder a isto com regras, com procedimentos, para tentar ao menos limitar a violência que frequentemente nasce desta indiferença. Mas tudo isto responde às consequências, não vai à raiz do problema. Enquanto não respondermos às necessidades reais das pessoas, revelando a sua capacidade de encontrar um significado que torne a vida possível de ser vivida, não responderemos, inevitavelmente, à real natureza da crise, cujas raízes se encontram nesta redução do que significa ser homem.

Este é o motivo pelo qual estou otimista, porque estou convencido de que o cristianismo pode oferecer o seu contributo maior precisamente nesta situação. Cristo começou tudo encontrando pessoas que, olhando para ele, deram por si a dizer: “Nunca vimos nada igual”, e o seguiram. Não havia alternativa à sua presença, e aquele encontro deu início à maior revolução da história. A única questão é se estamos conscientes da incrível graça que recebemos enquanto cristãos.

Como é que, na sua opinião, o Papa Francisco leva por diante esta ideia da fé como uma experiência que ganha raízes num encontro?

Ele é capaz de apresentá-la da forma mais simples, através dos gestos que faz, da sua atenção às pessoas, da forma como fala com toda a gente. Leva as pessoas a perceber da maneira mais simples, com os gestos, da mesma forma com que Jesus se tornava compreensível através dos gestos.

É difícil ajudar as pessoas a compreender todas as dimensões de fenómenos como a imigração, por exemplo, mas quando ele foi a Lampedusa tornou tudo visível num instante, era impossível não perceber o que estava a dizer. Fez-nos sentir o desejo de perceber de onde vinha tudo isto. O mesmo acontece quando se aproxima de alguém que tem problemas no trabalho, ou que precisa de perdão. É como Jesus, que se deparava com todas as feridas do seu tempo e respondia a essas feridas.

E no entanto, parece que alguns não compreendem o Papa, ou talvez não estejam de acordo com ele. Citou Lampedusa... o Presidente da Câmara, que era famoso em todo o mundo pela sua ação de acolhimento dos refugiados, acabou de ser derrotado nas eleições, ficando em terceiro.

As mudanças que estamos a atravessar são tão radicais, tão sem precedentes, que percebo por que razão tantas pessoas não compreendem ainda o que está a acontecer, ou os gestos do Papa Francisco. Mas se não compreendemos estes gestos agora, iremos compreendê-los quando nos dermos conta das consequências que estão a produzir.

Se começarmos a levar a sério o problema da imigração, o problema da pobreza, as dificuldades de tantas pessoas feridas, sós, necessitadas de misericórdia, isso conduzirá a um determinado clima social e então veremos as consequências duma forma que nem sequer imaginamos. Por exemplo, quando o Papa usa o termo «muros», está a referir-se a situações que teriam sido inimagináveis apenas há dez ou quinze anos atrás. Quero dizer, um muro no coração da Europa mais de vinte anos depois da queda do muro de Berlim?

A nossa capacidade de entender [o Papa] depende da nossa capacidade de compreender a natureza do desafio que temos à frente. Às vezes não entendemos certos gestos do Papa porque não percebemos a fundo as implicações daquilo que ele define como uma «mudança de época». É como considerar um tumor como sendo um simples caso de gripe, e assim a ideia de trata-lo com quimioterapia poderia parecer demasiado drástica. Mas uma vez que tivermos entendido a natureza da doença, damo-nos conta de que não conseguiremos vencê-la com aspirina.

No livro, o senhor passa de forma desenvolta das citações de João Paulo II e Bento, a Francisco. Muitas vezes, estes três Papas são postos em contraposição uns com os outros, mas o senhor parece ver uma grande continuidade entre eles.

Vejo uma grande harmonia, ainda que cada um deles tenha tido de enfrentar tempos diferentes. É o que o cristianismo fez sempre. Cada um enfrentou um conjunto de condições históricas nas quais a vida cristã era chamada a desenvolver-se, e cada época reúne um conjunto de desafios diferentes aos quais o cristianismo é chamado a responder de forma concreta. João Paulo II surpreendeu toda a gente com a sua capacidade de comunicar. Parecia difícil encontrar outro como ele, e depois chegou Bento, que impressionou toda a gente com a sua inteligência, a sua capacidade de discernimento e de clarificar alguns temas de um modo que mais ninguém teria conseguido fazer.

Depois de Bento, mais uma vez parecia que não podia haver mais ninguém como ele. E em vez disso, chegou um Papa que, a meu ver, é a radicalização de Bento. Diz as mesmas coisas, mas de uma forma que se transmite e chega a qualquer pessoa, simplesmente através dos gestos, sem por isso reduzir de algum modo a profundidade daquilo que disse Bento. Parece-me que foram os três à raiz das coisas, não ficaram na superfície, mas foram ao coração daquilo que estava a acontecer concretamente no seu tempo.

Neste sentido, existe uma harmonia que impressiona também muitos leigos, e que é a capacidade que a Igreja parece ter de dar um contributo novo e original para enfrentar os novos desafios que

tem pela frente. Nestes três papas, temos disso um exemplo claríssimo: cada um deles, no seu momento histórico, soube responder aos desafios desse momento.

O senhor não gosta dos rótulos políticos, mas sabe bem que Comunhão e Libertação goza de uma grande reputação na Igreja, especialmente entre os católicos mais “conservadores”. Alguns destes estão hoje preocupados em relação ao Papa Francisco, pensam que ele está, de alguma maneira, “a reduzir” as coisas, deixando de parte ou minimizando a doutrina tradicional. O que lhes diria para os tranquilizar?

A primeira coisa que diria é que devemos partir do reconhecimento da natureza real do desafio que temos pela frente. Não podemos compreender plenamente a ação do Papa Francisco se não compreendermos a natureza daquilo que está a acontecer, desta «mudança de época». Se o nosso diagnóstico não tiver isto em conta, não poderemos entender a importância de certos gestos deste Papa. Se, pelo contrário, começarmos a perceber a profundidade da crise, alargaremos os nossos horizontes e começaremos a ver certos gestos como uma resposta profética a esta nova situação.

Vejo que muitas pessoas estão perturbadas e embaraçadas com o Papa, tal como as pessoas o estavam com Jesus no seu tempo – e em particular, recordemo-lo, as pessoas mais “religiosas”. Por exemplo os Fariseus, que não viam todo o drama da situação dos homens que tinham à sua frente, queriam um pregador que simplesmente dissesse aos homens o que deviam fazer, impondo-lhes pesados fardos. Tudo isto não era suficiente para fazer recomeçar a humanidade, depois vem Jesus, que entrou em casa de Zaqueu sem lhe chamar ladrão e pecador; isso poderia ter parecido uma fraqueza. Pelo contrário, ninguém desafiou Zaqueu como Jesus fez, apenas entrando em casa dele. Todos aqueles que tinham condenado a sua conduta de vida não o tinham demovido um milímetro da sua posição. Foi aquele gesto totalmente gratuito de Jesus que teve sucesso onde os outros tinham falhado.

O que é necessário para mudar uma sociedade como aquela em que vivemos? O método usado por Jesus com Zaqueu. [Com o Papa Francisco] temos de nos recordar do modo com que muitas pessoas de bem, sinceramente religiosas, reagiram a Jesus. Para elas, a forma como Jesus agia era uma espécie de escândalo, no sentido mais forte do termo, um obstáculo para se crer.

Está a dizer que os fiéis católicos que criticam o Papa Francisco, por exemplo em relação à *Amoris Laetitia*, não entenderam o que está em jogo na cultura de hoje?

Acho que sim. Acredito que aquilo que falta hoje é uma compreensão profunda do desafio que temos de enfrentar no plano humano. Às vezes os críticos queriam que o Papa repetisse certas frases, certos conceitos, mas estes são vazios para muitas pessoas, e são-no há muito tempo. Ou querem ter regras para seguir, como se isso pudesse curar as pessoas, ou pudesse levar alguém a “verificar” a fé na própria experiência. O mesmo problema que temos todos, inclusive nós, que

muitas vezes não somos capazes de transmitir a confiança no futuro aos nossos colegas de trabalho, aos nossos amigos. Só se formos audaciosos para reconhecer a situação, sem sentirmos sempre a necessidade de nos defendermos, é que talvez aprendamos qualquer coisa.

É óbvio que o que preocupa algumas pessoas é o facto de que Jesus, quando foi ao encontro de Zaqueu, tinha o objetivo de fazer com que ele mudasse o seu coração. Hoje, para alguns, parece que o Papa, e com ele certos padres e bispos, se empenham num “encontro” sem a mesma expectativa de que seja para uma conversão dos erros.

A conversão não depende do gesto, depende de nós. Quando vamos ao encontro de um ladrão, levamo-nos a nós mesmos a esse encontro. Jesus não teve problemas em ir a casa de Zaqueu, sem necessidade de lhe explicar toda a sua teologia ou as regras morais. Foi porque a verdade se encarnava na sua pessoa. O problema que se põe é: que pessoa encontra quem nos encontra? Se aquilo que encontram em nós é simplesmente um manual de coisas para fazer, já as conhecem e não são capazes de as pôr em prática. Mas se se encontrarem diante de uma pessoa que lhes oferece amor, começarão a desejar ir atrás daquela pessoa e ser como ela, que foi o que aconteceu com Jesus.

Creio que muitos estariam de acordo sobre o facto de que não é preciso partir das regras, mas aquilo que preocupa as pessoas é se chegaremos alguma vez a ter regras.

Se uma pessoa se apaixona, a um certo ponto isto acontece naturalmente. Quando uma pessoa se casa, e está realmente apaixonada, é natural que deseje limpar a casa, cozinhar um bom almoço, e por aí fora. O problema hoje é que as pessoas não estão a encontrar ninguém por quem faça sentido empenhar-se a este ponto. Este género de encontro não é um código ético.

Concretamente, muitíssimas pessoas, inspirando-se no Papa Francisco, afirmam hoje que a Igreja deve acompanhar o mundo LGBT, por exemplo, ou os fiéis divorciados recasados pelo civil, e nós fazemo-lo regularmente. Mas aquilo que os críticos dizem é: tudo isto não deveria evoluir até ao ponto de lhes dizer que a sua conduta deve mudar?

Vou responder com um exemplo. Pensamos muitas vezes que a alternativa é não dizer nada ou ser ambíguo. Eu conheci um grupo de casais, famílias, que envolve 18, 20 famílias; nenhum destes casais era casado, por diversas razões, às vezes até compreensíveis. Algumas famílias pertencentes a Comunhão e Libertação começaram a passar algum tempo com eles, sem lhes dizer nada a respeito da sua situação “irregular”. Com o passar do tempo, todos se casaram! Encontraram-se diante de pessoas que viviam a vida de família de uma forma que não os podia deixar indiferentes. No fim, casaram-se todos, não porque alguém lhes explicou as regras ou a doutrina cristã sobre o casamento, mas porque não queriam perder aquilo que viam viver em casa daquelas outras famílias.

No cristianismo, a verdade fez-se carne. A única maneira que temos para compreender a fundo esta verdade feita carne é encontrando e olhando para uma testemunha. Toda a liturgia do Natal diz respeito à plenitude de Deus que se torna visível. Se não se tivesse tornado visível, nunca o teríamos compreendido... este é o grande desafio.

É inútil perguntar aos outros se eles são tudo aquilo que deveriam ser. A verdadeira questão é: nós somos testemunhas convictas da fé? Acreditamos ainda na beleza desarmada da fé? Uma pessoa apaixonada sabe o que fazer, e uma pessoa apaixonada encontra alguém. Isto é o que faz da experiência de Jesus uma “revolução copernicana” para a humanidade.

Recentemente, Rod Dreher defendeu que nós, cristãos, devíamos abandonar as guerras culturais no Ocidente porque as tínhamos perdido, e o máximo que podíamos esperar era a «opção Bento», ou seja, a conservação de pequenas ilhas de fé num contexto de uma cultura hostil e decadente. O senhor parece defender que devíamos deixar para trás as guerras culturais, sem renunciar àquelas posições, mas por um motivo diferente.

Sim, absolutamente. Sempre me impressionou a contraposição entre o tentar transformar o cristianismo numa religião civil e o tentar transformá-lo nalguma coisa totalmente do foro privado. Para mim, é como tentar corrigir o desígnio de Deus. Pergunto-me, quem teria alguma vez apostado que Deus iria começar a comunicar-Se ao mundo através do chamamento de Abraão? Era a forma de proceder mais inverosímil, mais desconcertante, que se poderia imaginar.

A escolha não pode reduzir-se a uma escolha entre as guerras de culturas e um cristianismo esvaziado de conteúdo, porque nenhuma destas duas hipóteses tem a ver com Abraão e a história da salvação. Abraão foi escolhido por Deus para começar a introduzir na história uma nova forma de viver, que pudesse com o tempo gerar uma realidade visível capaz de tornar a vida digna, plena.

Se Abraão estivesse aqui hoje, na nossa situação de minoria, e fosse ter com Deus para Lhe dizer: «Ninguém me deu ouvidos», o que lhe diria Deus? Sabemos muito bem o que lhe diria: «foi por isso que te escolhi, para começar a pôr na realidade uma presença capaz de fazer ver – ainda que ninguém acredite em vocês – que eu farei de ti um povo tão numeroso que a tua descendência será tão numerosa como as estrelas do céu».

Quando Ele enviou o seu filho ao mundo, despojado do seu poder divino para se fazer homem, fez a mesma coisa. Como disse São Paulo, ele veio para nos dar a capacidade de viver a vida de um

modo novo. Isto é o que gera uma cultura. A pergunta é se, para nós, a situação em que nos encontramos hoje nos oferece a oportunidade de reencontrar a origem do desígnio de Deus.

O senhor parece bastante otimista sobre o facto de isso ser possível.

Absolutamente, sim. Sou totalmente otimista, devido à própria natureza da fé. O meu otimismo baseia-se na natureza da experiência cristã. Não depende da minha capacidade de leitura da realidade, do meu diagnóstico da situação sociológica. O problema é que para sermos capazes de recomeçar deste ponto de partida absolutamente original, temos de regressar às origens da fé em si, ao que Jesus disse e fez.

Se há um motivo de pessimismo, está no facto de que muitas vezes reduzimos o cristianismo ou a uma série de valores, a uma ética, ou simplesmente a um discurso filosófico. Isto não é atraente, não tem o poder de fascinar ninguém. As pessoas não sentem a força de atração do cristianismo. Mas precisamente porque a situação que hoje estamos a viver é tão dramática, de todos os pontos de vista, é paradoxalmente mais fácil propor a novidade do cristianismo.

Se olharmos para a Europa hoje, está a crescer uma nova geração que, de facto, não esteve envolvida nas velhas batalhas que assistiram à contraposição entre religião e secularismo; são pessoas que cresceram numa cultura abundantemente pós-religiosa, e conseqüentemente, muitas vezes olham para este fenómeno não com animosidade, mas antes com curiosidade. Tudo isto configura uma nova fase para a evangelização?

Sim, é uma nova fase. A pergunta é se nós, cristãos, saberemos tirar proveito desta oportunidade para percebermos, nós em primeiro lugar, o que é realmente a fé, o que significa ser cristão, por que razão ser cristão deve ser interessante para nós e para os outros. Devemos aprofundar este ponto, independentemente da preocupação com os números, e projectarmo-nos unicamente na plenitude da experiência que Cristo põe na nossa vida.

Estou a pensar numa expressão que Giussani usava muitas vezes, falando da fé; dizia: «A fé é uma experiência presente, onde encontro na minha experiência pessoal a confirmação da sua conveniência humana». Sem isso, a fé não será capaz de resistir num mundo em que tudo diz o contrário de nós.

Portanto, a sua estratégia para a evangelização no início do século XXI é viver a fé de uma maneira tal, que esta «experiência de confirmação» possa verificar-se, e depois, gradualmente, introduzir os outros a esta forma de vida?

Quando um cristão vive a fé com este tipo de alegria, com esta plenitude, é evidente que quando vai para o trabalho, ou quando está com os amigos, ou está no aeroporto, os outros verão esta novidade

nele. Se chegas ao trabalho às 8 da manhã, e no teu local de trabalho encontras um colega que está a cantar, que te abraça e partilha contigo as tuas fraquezas e dificuldades, acabas por lhe perguntar: «O que é que te faz chegar ao trabalho a cantar às 8 da manhã?».

Isto comunica o cristianismo muito mais do que tantas outras coisas, mais do que todas as motivações éticas, porque quando uma pessoa vê uma coisa deste género, acaba naturalmente por perguntar: «De onde vem esta alegria? De onde vem esta plenitude de vida?». Uma pessoa pode não pensar imediatamente que a origem desta felicidade se chama Jesus Cristo, que se chama fé. Mas quando se começa a perceber que esta surpreendente modalidade de viver no mundo real, tão feliz, tão alegre, tem a sua raiz na fé, então torna-se interessante.

O cristianismo, em resumo, comunica-se vivendo-o. T.S. Eliot uma vez perguntou: «Onde está a vida que perdemos vivendo?». Para nós é o contrário; nós ganhamos a vida vivendo na fé. Se não for assim, não seremos interessantes para ninguém, nem mesmo para nós. Por outras palavras, foi a Igreja que abandonou a humanidade, ou foi a humanidade que abandonou a Igreja?

Propor não uma série de teorias, mas uma forma de vida?

É uma experiência de vida.

O Papa Francisco fala muitas vezes de criar uma «cultura do encontro», e o conceito de encontro era fundamental também para Giussani. Olhando para a Igreja hoje, quais são os exemplos de uma «cultura do encontro» que o impressionam mais?

Fico sempre impressionado com exemplos de criação de espaços para o encontro entre pessoas totalmente diferentes entre si. Por exemplo, aqui em Milão nós [Comunhão e Libertação] temos um apoio pós-escolar, um centro, no qual grupos de professores – alguns membros do Movimento, outros não – oferecem o seu tempo livre para ajudar jovens que têm dificuldades na escola. Entre os jovens há italianos, imigrantes, fiéis de várias religiões, na maioria católicos ou muçulmanos e ali assiste-se a um espaço de encontro. Vêm de situações muito diferentes, e encontram ali um lugar onde a sua humanidade renasce.

Uma vez, um rapaz veio com uma barra de ferro na mochila; em circunstâncias diferentes, teria sido tratado como um terrorista. Mas estando com aquelas pessoas, libertou-se de toda a sua agressividade, e acabou por se tornar num dos responsáveis daquela iniciativa. É este o poder do encontro.

Conhece também exemplos fora do vosso movimento?

Bem, obviamente não conheço o mundo todo, mas posso dar alguns exemplos. Frequento às vezes paróquias de Roma e Milão, e é possível ver como este espírito de encontro se encontra vivo nelas.

Conheço um sacerdote aqui em Milão que tem uma relação com alguns detidos. Tem uma capacidade impressionante de se envolver com eles, de uma forma que os ajuda a reconstruir as suas vidas.

Depois há a experiência da APAC no Brasil, aquela rede de prisões sem guardas e sem armas, cuja taxa de recidiva de crime, que nas prisões normais é em volta dos 80%, está nos 15%. Poderia pensar-se que é uma ilusão, que na realidade assim não se está senão a encorajar a criminalidade. E, pelo contrário, é um exemplo daquilo que acontece quando há um encontro real. Tudo aquilo que vai contra a verdadeira humanidade, cedo ou tarde desvanece-se.

Por exemplo, havia um detido que tinha fugido de um número impreciso de prisões, e que por acaso foi parar a uma destas APAC, e nunca mais tentou fugir. Um juiz ficou tão impressionado com esta história que quis ir à prisão para lhe perguntar: «Por que razão não tentaste fugir?». E o detido respondeu: «Porque do amor não se foge».

Às vezes o nosso problema é que já não acreditamos em certas coisas. De facto, pensamos que qualquer outra solução, ainda que violenta, é mais eficaz do que o poder do amor.

Está a dizer que, afinal, o nosso «realismo» não é assim tão realista.

Isso é certo. Demos por adquirido que certas coisas são uma ilusão, e perdemos a única oportunidade de ir verdadeiramente ao fundo do coração de cada um. Mais uma vez, isto é o que me torna otimista – a fé é eficaz!

Como disse o Papa Bento XVI há alguns anos, existe ainda uma oportunidade para o cristianismo hoje, neste mundo? Respondeu que sim, porque o coração do homem precisa de alguma coisa que só Cristo pode dar. A capacidade de corresponder ao verdadeiro desejo último do homem é o que tornará o cristianismo atrativo.

O senhor parece dizer que devemos ter coragem também neste sentido, não ter medo de desafiar a opinião comum desta maneira.

Aquilo com que não nos podemos contentar é com um cristianismo reduzido, um tanto ambíguo, pensando que esse seja o caminho para ir ao encontro de todos. Não, temos de vivê-lo de forma corajosa, plenamente, devemos estar convencidos, com a mesma audácia com que Jesus entrou em casa de Zaqueu, sem de modo algum censurar as coisas que ele tinha feito, mas desarmado, respondendo àquilo que ele tinha no coração. Historicamente, este é um método absolutamente novo. Jesus espanta São Paulo da mesma forma que nos espanta a nós.

Não há nada que desafie mais o coração de um homem do que um gesto como este, um gesto absolutamente surpreendente.

Um conceito chave de Giussani, que o senhor repete em todo o livro, é que a fé é um «acontecimento». Pode explicar o que significa isso, e por que razão é tão importante?

Que a fé é um acontecimento, significa que a vida de uma pessoa muda quando ela encontra um facto, como aconteceu a João e André quando encontraram Jesus. Não se pode evitar a realidade de um facto que aconteceu, não se pode eliminá-lo. Pensemos em São Paulo, que era um perseguidor dos cristãos, tentava eliminá-los; o encontro com Cristo vivo revolucionou o seu modo de pensar.

É como a cena descrita por Manzoni n' *Os noivos*... a experiência do encontro com alguém tão capaz de perdão foi tão surpreendente, que era impossível não se abandonar à sua força de atração. Quando o cardeal cumprimenta o Inominado e este lhe diz: «Se vou voltar? Quando me recusardes, ficarei obstinado à vossa porta, como o pobre. Preciso de vos falar! Preciso vos ouvir, de vos ver! preciso de vós!».

Este é o tipo de experiência arrebatadora que muda a vida, isto é a fé. [A personagem do cardeal n' *Os noivos* é inspirada pela figura do cardeal Federico Borromeo, de Milão, 1564-1631].

O Papa Bento disse sempre que na origem do cristianismo não está uma doutrina, um ensinamento, mas o encontro com Cristo. A forma do «acontecimento» cristão é este encontro, não de forma virtual ou apenas como uma proposta que qualquer um faz. Não, é um encontro tão forte que não queres perdê-lo para o resto da vida.

O objetivo do seu livro é despertar a consciência deste acontecimento?

Seguramente. O problema é como comunicar este acontecimento às pessoas. É como a experiência do amor, do enamoramento... não acontece porque se fala disso, acontece porque uma pessoa se apaixona.

A uma certa altura, o senhor escreve que o objetivo da comunidade – referindo-se talvez a Comunhão e Libertação, mas também de forma mais geral à Igreja – é o de gerar «adultos na fé». O que quer dizer?

Pretendo referir-me a pessoas que são regeneradas pela participação na comunidade cristã, no sentido em que adquirem uma nova capacidade de enfrentar o real, uma nova capacidade de serem livres de uma maneira diferente de antes. E uma nova capacidade de transmitir um sentimento de espanto aos outros. Se o cristianismo não for capaz de gerar um novo tipo de pessoas, então ficará separado das suas vidas.

Não há nada de mais decisivo, no momento presente, do que a capacidade de gerar adultos na fé, adultos que vivam com liberdade entre os outros e possam testemunhar a fé, não só quando vão à

igreja ou participam em qualquer “outra” atividade diferente da vida quotidiana, mas no concreto do seu trabalho e da sua vida.

São necessárias pessoas que possam levar a novidade da fé ao coração do mundo, que suscitem a pergunta: «Mas onde foram buscar esta novidade, esta frescura? O que está por detrás?». A capacidade de responder a esta pergunta irá conduzir naturalmente as pessoas a algo de maior e melhor.

Este é um real testemunho da fé... ainda que os outros não consigam identificar o nome de Cristo, só o olhar para aquela pessoa torna impossível não querer perceber o que a faz ser assim. Irão querer saber quem é o “terceiro”, e isto é um testemunho.

Só um verdadeiro testemunho pode tornar visível e tangível o acontecimento da fé... a capacidade de tornar a fé qualquer coisa de razoável para os homens só pode vir de uma experiência concreta desta, de um «acontecimento». Isto é o que permite que uma pessoa não tenha medo de não ser entendida, e que possa resistir à tentativa de reduzir o cristianismo a qualquer coisa de diferente.

Pergunto-lhe uma coisa: por que razão é que às vezes nós pensamos que para tornar compreensível um gesto gratuito esse tenha de ser reduzido a outra coisa, deva ser menos gratuito? Quanto mais gratuito é, tanto mais deveria ser surpreendente e atraente, não? Não devemos reduzir as coisas para que elas sejam entendidas.

Às vezes pensamos que, se uma pessoa não tem fé, devemos reduzir as coisas para que as entenda. Mas o contrário é que é verdade – quanto mais um gesto é gratuito, como o perdoar alguém por uma ofensa em vez de lhe responder do mesmo modo, tanto mais se irá surpreender de forma radical aquela pessoa. Não é que devamos reduzir, para evitar o escândalo... ninguém se escandalizou nunca por ser perdoado.

Na última página do livro, o senhor escreve que a letícia é como a flor do cacto. O que quer dizer?

A fé introduz na vida uma atração, que ao mesmo tempo nos atrai para ela mas que não nos deixa sós. Nada desafia mais uma pessoa do que qualquer coisa que responde em total plenitude a todas as suas expectativas. Nada transforma radicalmente a vida como a realização de todas as suas promessas! Eis por que razão a fé é como o cacto... é lindíssimo, atrai-nos, mas ao mesmo tempo, pica. Podemos aceitá-la ou recusá-la, mas nada transforma e perturba a vida com a mesma força.

Poderíamos dizer que este livro é uma tentativa de exprimir a visão da evangelização que nasce de Giussani e que foi amplificada pelos três últimos Pontífices?

Para mim, a resposta é sim.